

INVESTIGAÇÃO ONLINE SOBRE ALEITAMENTO EM GRUPO DE NUTRIZES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Laís Veiga de Lima, discente de graduação - Fisioterapia, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguiana

Mariana Maydana Rivero, fisioterapeuta graduada na Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguiana

Fabiana Vargas-Ferreira, docente, Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Celeste Osório Wender, docente, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juliana Campodonico Madeira, TAE Fisioterapia, Universidade Federal do Pampa

Fernanda Vargas Ferreira, docente, Universidade Federal do Pampa

e-mail primeiro autor- laislima.aluno@unipampa.edu.br

Introdução: O aleitamento materno (AM) é recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), se possível exclusivo até os seis meses, podendo ser prolongado até os dois anos com suplementação nutricional. Dentre os potenciais benefícios à saúde materno-infantil se destacam, respectivamente, menor risco de câncer de mama e endometrial; e proteção contra doenças infecciosas e menor risco de diabetes tipo 2. Todavia, segundo dados do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (Enani) do Ministério da Saúde que avaliou 14.505 crianças menores de cinco anos entre fevereiro de 2019 e março de 2020, 53% das crianças brasileiras continua sendo amamentada no primeiro ano de vida. Entre as crianças com idade inferior a seis meses o índice de amamentação exclusiva é de 45,7%; ao passo que, nas crianças menores de quatro meses, o índice foi de 60%. No contexto da pandemia da COVID-19, se acredita na possível influência sobre a adesão, possivelmente, em decorrência da hesitação vacinal e do receio da transmissão vertical. **Objetivo:** Investigar a intenção e a prática do AM em gestantes e nutrizes residentes no país no contexto da pandemia. **Método:** Estudo transversal e eletrônico em conformidade com os requisitos “CHERRIES” realizado entre julho e setembro de 2021. Incluíram-se gestantes acima de 18 anos, de qualquer trimestre gestacional; e para puérperas, acima de 18 anos e nutrizes com lactentes de 0 a 12 meses. Excluíram-se puérperas não nutrizes e participantes não residentes no Brasil. Após divulgação na página do Instagram @gepefispunipampa, as interessadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam questionário eletrônico com dados sociodemográficos, clínicos, obstétricos e acerca do AM na pandemia da COVID-19. Realizou-se análise descritiva (frequências absolutas - N e relativa - %) com o SPSS, versão 22.0. Pesquisa aprovada eticamente (CAAE: 43291121.1.0000.5327). **Resultados:** O perfil

da amostra apresentou 42 respondentes, na faixa etária de 24 a 36 anos (n=36; 85,7%), cor autorrelatada de pele branca (n=36; 85,7%) e residentes na região sul (n=35; 83,3%). Quanto à situação obstétrica, a maioria das participantes era nutriz (n=34; 81%) e o tempo de puerpério era inferior a seis meses (n=24; 57,1%). Sobre a assistência pré-natal, a maioria das participantes não havia ido a nenhuma consulta (n=31; 73,8%) e após a pandemia, nenhuma visita (n=17; 40,5%) e ≥5 consultas (n=22; 52,4%). Quanto à consulta puerperal, 17 (40,5%) respondentes não tiveram acesso. No que tange ao AM, 36 (85,7%) respondentes tiveram orientações, sendo que, as fontes foram, respectivamente, enfermeiro (a) (n=22; 52,4%), familiares (n=9; 21,4%) e mídias sociais (n=9; 21,4%). Quanto ao tipo de AM, era exclusivo (n=18; 42,9%) e era complementar (n=16; 38,1%). As dificuldades associadas ao AM foram fissura mamilar (n=15; 35,7%), medo da COVID-19 (n=7; 16,7%), pega incorreta (n=9; 21,4%) e não apoiadura (n=3; 7,1%). Em relação aos cuidados para amamentar na pandemia, a maioria reportou conhecer as orientações (n=30; 71,4%), 33 (78,6%) respondentes relataram o uso de máscara e 21 (50%) não sabiam que a máscara deveria ser trocada a cada mamada. Conclusão: Nossos dados sugerem uma falha na atenção à saúde, especialmente, pela ausência de consulta puerperal. Também mostram que o AM não era exclusivo e que as principais complicações foram fissura mamilar e pega incorreta, o que pode favorecer o desmame precoce. Por fim, embora as respondentes tivessem conhecimento acerca dos cuidados do AM na pandemia, se deve reforçar a segurança em prol do chamado padrão-ouro da alimentação, o leite materno.

Agradecimentos: Este trabalho teve apoio do Grupo de Estudos e Pesquisa em Fisioterapia e Saúde Pélvica (GEPEFISP)

Palavras-chave: Aleitamento; Internet; Pesquisa.